

OUTSIDERS DO ESPORTE: RESISTÊNCIAS E TRANSGRESSÕES

ADRIANO JOSÉ ROSSETTO JUNIOR
RODRIGO POJAR PAIVA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo – Brasil
adrianorossettojr@uol.com.br

doi:10.16887/86.a1.21

Introdução

Atualmente se pratica esporte nas aulas de educação física nas escolas e em projetos sociais, como meio de educação. Também, observa-se o esporte nas ruas, parques, praias e pátio escolares como lazer de crianças, jovens e adultos. Tem-se, ainda, o esporte de alto-rendimento, visto na mídia e clubes, sempre praticados pelos mais habilidosos, os atletas.

O reconhecimento da amplitude e importância do fenômeno esporte levou o a ser reconhecido como direito de todos em vários países e no Brasil, como é asseverado na Constituição Federal do Brasil, artigo 217, e exaltado como direito das crianças e adolescentes (ECA, 1992, cap.II, art. 16), o que torna o Estado responsável pelo seu desenvolvimento.

Constata-se a existência de três manifestações esportivas no Brasil: Esporte *performance* ou alto-rendimento; Esporte Lazer ou participação e Esporte Educacional, que são mencionadas na Constituição Federal e Lei “Pelé”, que regulamenta o esporte no Brasil e, ainda são, reafirmadas por diversos autores, como Bracht (1997), Korsakas e Rose Junior (2002) e Tubino (2010).

O Estado brasileiro busca garantir o direito a prática esportiva aos cidadãos com a obrigatoriedade da aula de educação física no currículo da escola básica, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), programas de esportes federal, como o Programa segundo tempo e Programa esporte e lazer na comunidade e outros tantos de ordem estadual e municipal, além de centros esportivos e de lazer gestados pelas esferas governamentais.

Portanto, a maioria das crianças e adolescentes brasileiros, obrigatoriamente, praticam esporte em algum momento de sua vida, mesmo que apenas em algumas aulas da educação física escolar ou o vivem como espectadores e torcedores, ou mesmo tendo que justificar o não interesse pelo esporte.

Atualmente o esporte está presente na vida das pessoas desde o nascimento. Na maternidade já ganham presentes com o símbolo do clube da família, ainda pequenos são levados às praças esportivas, convivem com as vitórias e derrotas da equipe de seus pais e a mudança de comportamento gerado neste contexto. Na escola tem aulas de esporte, convive com amigos de equipes adversárias, a mídia repercute o esporte e envolve as crianças com o espetáculo, as normas e costumes do esporte são vividos em diversos espaços e grupos de convívio, como condomínio, praça, clubes, rua, escola e outros, ou seja, desde o nascimento o esporte está presente na cotidianidade de muitos indivíduos. Portanto as práticas esportivas fazem parte da vida cotidiana.

De acordo com Heller (2004) existe muita heterogeneidade, hierarquia e flexibilidade na significação da vida cotidiana, por ser passível de interferências das estruturas econômicas, sociais, religiosas, étnicas e pessoais, com variações de prevalência destes fatores para cada sujeito. Cabe notar que todos estes aspectos se inter-relacionam na vida cotidiana. O esporte pode ser atividade da vida cotidiana com representações significativas para os praticantes?

Para Javeau (2003) toda a vida cotidiana representa uma síntese da existência humana, mas que não se limita a nenhum aspecto nem se apresenta em um único deles. Este autor considera o cotidiano um paradigma, uma instancia epistemológica, um ponto de vista. A vida cotidiana é a realidade por excelência, porque impõe a consciência de maneira mais maciça, urgente e intensa. Nas palavras de Berger e Luckmann (1974, p. 38):

A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada na cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivções e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado pra mim.

Berger e Luckmann (1974) consideram que a cultura e a linguagem marcam as características da vida social preenchendo-a de objetos significativos. A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do agora do meu presente e do aqui de meu corpo. O esporte é uma manifestação cultural, uma linguagem corporal repleta de objetos dotados de significação, como pódio, bandeiras, medalhas e outros. Também, está presente na vida cotidiana, muitas vezes muito próximo e constante, constituindo-se em atividade diária, como nas aulas de educação física, e de atividades de lazer. O Esporte determina objetivções, modos de vida, valores sociais, entre outros. Assim, pode-se questionar se o esporte determinaria as relações sociais e o processo de desenvolvimento do ser humano?

Ainda mais, quando os autores relatam que as buscas de solução dos problemas da vida cotidiana aumentam e enriquecem o conhecimento e as habilidades, sendo que o esporte apresenta situações problemas em várias esferas do comportamento humano e que para a sua prática exigem soluções imediatas. No campo social, com as inter-relações pessoais, a convivência e trabalho em grupo. Na esfera moral, com regras e normas esportivas, disciplina, etc. Nas emoções, com a disputa, rivalidade e agressividade essenciais para a competição. No âmbito da motricidade, com as exigências das habilidades e capacidades físicas.

O amadurecimento do homem significa adquirir habilidades para a vida cotidiana. O aprender e desenvolvimento dessas habilidades ocorrem na assimilação das relações sociais, na comunicação social do cotidiano. Assim, em grupos pequenos se estabelecem mediações entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de integrações maiores. Porém, torna-se adulto somente quando as normas assimiladas nos grupos restritos (família, escola, etc.) transformam-se em valores que orientam as integrações maiores, quando o indivíduo é capaz de se manter autonomamente (HELLER, 2004). Portanto, poder-se-ia afirmar que o grupo de prática esportiva se constitui em espaço de comunicação social que favorece a assimilação das relações sociais que orientam o desenvolvimento do homem para agir autonomamente em situações da sociedade em geral? Caso afirmativo o esporte caracterizar-se-ia como um fator fundamental no amadurecimento humano para a vida autônoma.

Nas interações sociais na realidade da vida cotidiana, conforme Berger e Luckmann (1974) apreende-se o outro por meio de esquemas tipificadores, que estabelecem e modelam como nos relacionamos com o outro. Assim, nas relações sociais das práticas esportivas apreendo o outro como homem, baixinho, sem habilidade, faltoso, desonesto, violento ou com outras características. Essa tipificação inicial determina minha relação com o outro e ele também estabelece tipificação da minha pessoa. Assim, os dois esquemas de tipificação entram em contínua negociação na situação face a face e as tipificações vão se organizando conforme conhecemos o outro e ele a nós (BERGER e LUCKMANN, 1974).

Conforme se distancia das relações e tipificações “face a face”, do “aqui e agora”, essas se tornam anônimas. As relações anônimas também podem ser com predecessores e sucessores e o anonimato dessas tipificações não os impedem de serem elementos da vida cotidiana. A estrutura social é a soma dessas tipificações, constituindo-se em elemento essencial da realidade da vida cotidiana.

Dessa forma, como são as relações no esporte? Apreendo o outro face a face? Relaciono-me com predecessores? Existe diálogo que possibilita a alteração da tipificação preconcebida? Nota-se que no esporte existem estruturas sociais fossilizadas, que determinam a realidade do esporte, seus valores, suas características. Até porque a relação ocorre com os predecessores, os ídolos, os recordes, as grandes disputas reproduzidas pela mídia. Essas relações consolidam alguns valores morais, como a busca da vitória a qualquer custo, a cultura

do rendimento máximo, a supervalorização da vitória, a sobrepujança ao adversário, o não respeito ao companheiro de disputa.

Javeau (2003) ressalta que a vida em sociedade é estruturada em termos de moral, que designa as regras de conduta em vigor na sociedade e relaciona-se com os costumes que a caracterizam. São morais os costumes que a maioria dos membros da sociedade determina como os bons. Assim, quais são os costumes considerados bons na microsociedade do esporte? Qual a moral do esporte? Quais são os hábitos ou usos e costumes do esporte? Essa moral do esporte está cristalizada, fossilizada?

Observa-se que no esporte, existem alguns costumes ou hábitos, que são mais valorizados e difundidos há muito tempo, especialmente pela mídia, que acaba por inculcar os mesmos na maioria da população, estabelecendo uma ideologia para o esporte. Constatam-se no cotidiano do esporte esses valores, através das práticas da exacerbação da agressividade, elitização da prática esportiva, busca da padronização de movimentos corporais, sobrepujança ao adversário, rígida disciplina entre outras, características das práticas esportivas atuais.

Entretanto, como relata Javeau (2003, p.94) a moral e disciplina dos grupos sociais são subvertidas, às vezes, de modo imperceptível. O autor afirma que ocorrem táticas de resistências dos indivíduos, “com expressões singulares que se escusam, apesar das aparências, em obedecer fielmente às prescrições dos sistemas institucionais”.

O esporte vivido pelas crianças nos diversos contextos de prática, com seus valores, comportamentos e moral são pertencentes a vida cotidiana das crianças e, assim, as educa, forma, molda dentro de valores constituídos historicamente nas práticas esportivas. Entretanto, como nem todos aceitam as regras, atitudes e moral determinadas por outros e criam formas de resistências e transgridem o imposto pela vida cotidiana, ou como afirma Becker (2008) esses *outsiders*, que são “aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros “normais” do grupo”. Para o autor o desvio não reside no comportamento, mas na interação entre a pessoa que transgredir e aquelas que reagem ao desvio.

A vida cotidiana é uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido na medida em que forma um mundo coerente (BERGER e LUCKMANN, 1974). A vida cotidiana origina-se no pensamento e ação do homem e sua relação com o objeto ou o outro, portanto também é intersubjetiva. A consciência é sempre intencional, sempre tende para algum aspecto. Segundo Berger e Luckmann (1974) o interesse e foco são maiores no que é mais próximo ao indivíduo. O esporte, apresentado anteriormente, faz parte do cotidiano de muitas crianças, adolescentes e jovens, portanto torna-se fundamental questionar se o esporte afeta a vida dessas pessoas e que interesses, desejos e necessidades desperta? No senso comum ouve-se constantemente: o esporte disciplina; esporte é saúde, esporte educa; esporte tira das ruas; chegando-se ao exagero da afirmação de que é esporte é vida.

Javeau (2003) afirma que sob a vida visível, com seus códigos e gerida pelas receitas das instituições que garantem a ordem social, existe uma vida diferente, parcialmente oculta, mas não menos importante. Sob esta perspectiva, deveria a sociologia da vida cotidiana comprometer-se com as análises do que não se enquadra nas normalidades, aquilo que é fora do comum dos padrões socialmente preferidos e culturalmente determinados. A pesquisa da vida cotidiana deve suplantar a normalidade percebida, o senso comum de que “a natureza e sociedade representam uma espécie de ordem” (p.93). Assim, depreende-se que a pesquisa em sociologia da vida cotidiana pressupõe uma investigação de “um mundo de resistências, de questionamentos das transcendências naturalizadas, de sistemas contrainstitucionais, de multiplicidade das realidades” (JAVEAU, 2003, p. 94). Por exemplo, no esporte poder-se-ia pesquisar as resistências dos praticantes a normatizações das federações, leis e regulamentos ou a resistência das crianças nas aulas e treinos esportivos ou as práticas esportivas dissidentes das instituições legais e normativas do esporte.

Dessa forma, levanta-se como questão central do estudo: existem *outsiders* nas aulas esportivas? Quais as possíveis formas de resistência e transgressão nas aulas esportivas?

Assim, objetiva-se explorar e analisar os processos de socialização que ocorrem na prática do esporte, ao identificar as ações e atitudes de resistência e transgressões das crianças e adolescentes nas aulas e treinos esportivos, na busca do esporte como diversão, lazer e prazer, como livremente gostam de viver o esporte na sua cotidianidade.

Metodologia

Dessa forma, na tentativa de analisar a prática esportiva na perspectiva da sociologia da vida cotidiana, é importante, como afirma Ginzburg (1989), examinar os detalhes negligenciados, analisar os indícios imperceptíveis à maioria. Para Ginzburg (1989), o método interpretativo centrado nos resíduos, sobre os dados marginais são reveladores, porque são os momentos em que aparece a individualidade, sem que o protagonista se dê conta, inconscientemente desliga-se do controle da tradição, instituição ou imposições.

Assim, observaram-se os gestos inconscientes das crianças enquanto participam das práticas esportivas, buscando identificar os atos de resistência e transgressão a imposição e rigidez dos treinos e aulas de esporte, que cerceiam a sua liberdade, desejos e interesses.

Buscaram-se indícios dessa resistência em fotos de aulas e treinos esportivos ocorridos em 2014 em diferentes cidades brasileiras, mas analisando as expressões e gestos ofuscados, os considerados sem importância, aqueles que permanecem obscuros na vida cotidiana da prática esportiva. Análise esta análoga ao investigar as porções não iluminadas das pinturas de Caravaggio, aquelas não focadas pela luz, obscuras, não reveladas, que podem surpreender e “insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações [...]” (PAIS, 2001, p.28).

A foto é o presente e o passageiro, segundo Martins (2008) a foto retrata o ilusório, mas também exhibe o real, o oculto do social, o detalhe inesperado capturado pela fotografia pode revelar a verdade crua das relações sociais. Dessa forma, a análise das fotos das práticas esportivas desvela indícios das resistências e transgressões das atividades impostas.

Também, empregou-se, conforme Martins (2008), sociologia retrospectiva, com a utilização crítica das lembranças das aulas e treinos ministrados como fonte de dados, “como se retrospectivamente recorresse à observação participante”. Assim, recupero e analiso criticamente as ações e comportamentos dos alunos, consideradas naqueles treinos e aulas da primeira década do século XXI, como impertinentes ou indisciplinadas, durante as atividades ministradas por mim. As reflexões possibilitam reconsiderar e analisá-los atualmente, a partir da sociologia do cotidiano, como situações sociais desviantes, transgressões ou resistências aos costumes, hábitos e valores que eram impostos pelas práticas esportivas.

Resultados

Constata-se nas fotos das aulas e treinos observados que o mesmo modelo de ensino autoritário e dirigido para o rendimento máximo dos atletas, preconizado nas propostas no treinamento do esporte de alto-rendimento, prevalecem nas aulas de iniciação e treinos de crianças e adolescentes. Essas práticas de exercícios repetitivos e enfadonhos, por muito tempo empregadas, mais afastam as crianças e adolescente do que formam novos praticantes. O esporte de alto-rendimento leva a sentirem-se inaptas e a abandonarem as práticas.

Para Perin e Krug (2003), o esporte instituição determina o modo de ser e agir dos atores, com a reprodução de suas práticas, como linguagem e cultura corporal, impõe comportamentos, atitudes e valores para quem os pratica.

Certeau (1994) aponta para os dispositivos e procedimentos técnicos que transformam a multiplicidade humana em sociedade disciplinar, essas astúcias tiram a sua eficácia da relação entre processo e espaço. As práticas do espaço tecem, com efeito, as condições da vida social e as práticas do esporte são para uma sociedade competitiva ao extremo, agressiva e violenta e, ao mesmo tempo, disciplinada. Porém, o autor afirma que “ocorrem procedimentos multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, [...]” (CERTEAU, 1994, p.175).

Assim, também, constatam-se nas fotos alguns momentos de transgressão das crianças com a disciplina imposta, com brincadeiras com os colegas, conversas descontraídas entre os praticantes, distanciando-se da concentração exigida, fatos instantâneos difíceis de captar na foto, naquele momento inesperado de desvio da disciplina ordenada.

As memórias das inúmeras aulas de esporte ministradas levam a refletir, com base na teoria da vida cotidiana, e agora compreender os momentos que os alunos tentavam dribles com a bola enquanto esperavam na fila, riam, cantavam ao esperar como forma de transgredir e resistir a imposição da prática esportiva. Também, o gestual de desaprovação, morosidade nos deslocamentos, lentidão, como formas de resistência àquelas práticas.

O esporte midiático, ou esporte de alto-rendimento (legalmente definido), que é referência para as práticas nas aulas e treino, com sua institucionalização, sistematização, burocratização, rigidez e profissionalismo, e valorizado pelas instituições esportivas e professores, tenta impedir a transformação, a transgressão e a superação do esporte como prática humana, atitudes que estão constantemente presentes na vida cotidiana e observadas nos desvios e resistência a rigidez dos alunos durante as práticas.

O esporte enquanto educação pode conscientizar as crianças e adolescentes sobre o que é cultural e moral do esporte, suas relações com a mídia, economia, política e, ao mesmo tempo, o quanto é subjetivo a sua prática, especialmente, nas suas relações com a emoção, prazer, diversão, sentimento, etc. Dessa forma, o esporte pode ser meio para praticar, treinar a sociabilidade, para o amadurecimento consciente do homem sobre o esporte na cotidianidade.

O amadurecimento para a emancipação dentro da cotidianidade nas palavras de Heller (2004, p.40):

A condução da vida, portanto não significa abolição espontânea da cotidianidade, mas tão somente que a “muda” coexistência da particularidade e da generacidade é substituída, pela relação consciente do indivíduo com o humano-genérico e que essa atitude – que é, ao mesmo tempo, um *‘engagement’* moral, de concepção de mundo, e uma aspiração à autorealização e à autofruição da personalidade – ordena as várias e heterogêneas atividades da vida.

Também, observou-se como as crianças, em pequenos e rápidos momentos, “driblam” a rigidez do treinamento esportivo e brincam com a bola e seus colegas durante os exercícios técnicos e físicos, fazem embaixadinhas, controles de bola, ou arriscam dribles nos amigos, sempre fora da visão dos professores/treinadores. Revelando, naquele instante, o significado que o esporte tem para eles, e não o valorizado pela sociedade. As crianças, na maioria do tempo, querem brincar e não treinar exaustiva e enfadonhamente.

As ações subjetivas, que caracterizam a individualidade e caráter revelam-se, muitas vezes, nos momentos rotineiros do cotidiano, em gestos simples e inconscientes. A vida cotidiana, como relatada anteriormente, é intersubjetiva, então a pesquisa sociológica não pode furtar-se da investigação de aspectos subjetivos que revelam a realidade.

O indivíduo, consciente ou inconsciente, é tanto particularidades quanto humano-genérico, mas é um ser singular. “O desenvolvimento do indivíduo é, antes de qualquer coisa – mas de nenhum modo exclusivamente – função de sua liberdade fática ou de suas possibilidades de liberdade” (HELLER, 2004, p. 22). O indivíduo pode escolher sua própria comunidade e seu modo de vida, no interior das possibilidades, para o seu amadurecimento e desenvolvimento. Entretanto, é necessário refletir se a educação familiar e escolar possibilita liberdade de escolha para as crianças? O esporte em que as crianças são inseridas, pelos pais e professores, é uma das opções de relações sociais das crianças, ou imposição dos adultos?

Considerações Finais

A compreensão é que o esporte ensinado e praticado para as crianças e adolescentes sempre deve apresentar como objetivo a educação e a formação à cidadania. Entretanto, o desenvolvimento integral, a emancipação, a cooperação coletiva e outros são relegados nas

aulas e treinos esportivos; as conquistas, as medalhas, a vitória, o recorde e o campeonato são colocados à frente dos valores educacionais.

Provavelmente, é ofertado o esporte com suas tradições, ritual e valores fossilizados pela vida cotidiana, que levou os praticantes do passado e presente a alienação, levando-os a reprodução acrítica da rígida cultura esportiva.

Observa-se nas aulas que as crianças constituem grupos para se defender das imposições e cobranças. Elas se negam a participar, se isolam, bagunçam, criam códigos de comunicação e apresentam comportamento e crenças divergentes dos demais.

Podemos considerar o grupo de crianças que resiste às práticas esportivas como *outsiders*, que são as pessoas consideradas desviantes por outras, fora do círculo dos “normais”. Os professores impõem regras, a sociedade determina comportamentos, os mais velhos determinam ações, a mídia define padrões de prática esportiva, etc. Porém, muitas crianças não entendem e aceitam esses valores, comportamentos e procedimentos impostos a elas nas práticas esportivas. Assim, buscam formas de desviar, resistir e transgredir.

O esporte oferecido para as crianças e, muitas vezes, imposto a elas como “natural” não contempla seus desejos e interesses e as obriga realizar ações e comportamentos para interiorizar atitudes e procedimentos ditos morais e educados. Porém, esses são definidos por quem? Pelos antepassados, historicamente definidos? Pela mídia?

Heller (2004) deixa claro que a assimilação espontânea das normas da vida cotidiana pode transformar-se em conformismo, mas sem ser alienação. Assim, a pessoa pode ter consciência, mas aceitar a vida cotidiana. Observa-se isso no esporte ao escutar as seguintes frases: o esporte é assim mesmo, a vitória é que importa; ser campeão é o que interessa; sei que devemos fazer diferente, mas é a cultura esportiva. São claras expressões de conformismo sem alienação dos muitos treinadores, professores e praticantes do esporte. Também, nas transgressões das crianças, com suas brincadeiras durante as aulas/treinos. Assim, acredita-se que elas (algumas) têm consciência da diferenciação entre o esporte e as práticas corporais de sua cultura, que são significativas e fazem sentido em nossas vidas cotidianas.

Entende-se que para o esporte transformar-se em uma prática para a conscientização e não alienação das crianças e jovens, o professor precisa refletir suas práticas, ter coerência entre o discurso e as mesmas, acreditar que mudanças são necessárias e possíveis, comprometendo-se com o desenvolvimento integral de seus alunos.

O esporte necessita de outro olhar, um foco que desvie da *performance* e da técnica e concentre-se em oportunizar a resolução de problemas através de jogos, que produzam convívio social e ético dos alunos, permitindo a crítica e a criatividade dos alunos, impulsionando assim crianças e jovens rumo à autonomia das práticas esportivas e de lazer (ROSSETTO JUNIOR *et al.*, 2007).

O esporte precisa ser comprometido com a educação crítica e cidadã das crianças e adolescentes, como um meio e não um fim em si próprio. É necessário que os professores de Educação Física construam o conhecimento acerca do esporte e corporeidade, que deve ser pensado, analisado, refletido, sentido e significativo para o aluno, a fim de que este possa usufruir criticamente da cultura esportiva em seu cotidiano.

OUTSIDERS OF THE SPORT: RESISTORS AND TRANSGRESSIONS

Abstract

Every day children are subjected to sports programs in different contexts, such as clubs, parks, social projects and school physical education classes. Sports practices are part of everyday life. The language/culture of daily life, as the language of sports culture, delineates the life in society, where they seize tipificadores schemes that shape and determine attitudes and relationships. The objective was to analyze, from the perspective of the sociology of everyday life, the processes of socialization of the sport, identifying the actions and attitudes of resistance

and transgressions of the children and adolescents in sports activities. We used the method of Sociology retrospective of Malik (2008), with criticism of memories of school and training delivered and also images of sporting practices as sources, interpreting data overlooked the behaviors of students. The results showed that the athletes have resistance and small transgressions behaviors that reveal discontent with the teaching and practice of sports and other interests. The research of everyday life proved way to understanding deviant behaviour in sport, unraveling relations and social orders, identifying outsiders sports practices.

Keywords: everyday life; Sports; resisters; transgressions; Outsiders.

OUTSIDERS DU SPORT: RÉSISTANCES ET TRANSGRESSIONS

Résumé

Chaque jour des enfants sont soumis à des programmes de sports dans des contextes différents, tels que des clubs, des parcs, des projets sociaux et des cours d'éducation physique de l'école. Les pratiques sportives font partie de la vie quotidienne. La langue/culture de la vie quotidienne, comme langue de culture sportive, délimite la vie en société, où ils saisissent les régimes typificateurs qui façonnent et déterminent les attitudes et les relations. L'objectif était d'analyser, dans la perspective de la sociologie de la vie quotidienne, les processus de socialisation de ce sport, identifier les actions et les attitudes de résistance et de transgressions des enfants et des adolescents à des activités sportives. Nous avons utilisé la méthode rétrospective sociologie de Malik (2008), avec la critique des souvenirs d'école et l'instruction et également images des sportives pratiques comme sources, interprétation des données négligé les comportements des étudiants. Les résultats ont montré que les athlètes ont la résistance et les comportements de petites transgressions qui révèlent le mécontentement avec l'enseignement et la pratique des sports et d'autres intérêts. La recherche de la vie quotidienne s'est révélée de façon de comprendre le comportement déviant dans le sport, relations démêlées et ordres sociaux, identification des pratiques sportives étrangers.

Mots clés: la vie quotidienne; Sport; résistances; transgressions; Gens de l'extérieur.

OUTSIDERS DEL DEPORTE: RESISTENCIAS Y REBELIONES

Resumen

Cada día niños son sometidos a programas deportivos en diferentes contextos, tales como clubes, parques, proyectos sociales y clases de educación física de la escuela. Prácticas de deportes forman parte de la vida cotidiana. La lengua/cultura de la vida cotidiana, como la lengua de la cultura deportiva, delinea la vida en sociedad, donde agarran los esquemas tipificadores que forman y determinan las actitudes y relaciones. El objetivo fue analizar desde la perspectiva de la sociología de la vida cotidiana, los procesos de socialización del deporte, identificando las acciones y actitudes de resistencia y rebeliones de los niños y adolescentes en actividades deportivas. Se usó el método de la retrospectiva de la sociología de Malik (2008), con la crítica de las memorias de la escuela y la formación entregada y también imágenes de deportivas prácticas como fuentes, interpretación de datos se pasa por alto los comportamientos de los estudiantes. Los resultados demostraron que los atletas tienen resistencia y los comportamientos de pequeñas transgresiones que revelan el descontento con la enseñanza y la práctica de deportes y otros intereses. La investigación de la vida cotidiana demostrado forma de comportamiento desviado entendimiento en el deporte, desentrañando las relaciones y órdenes sociales, identificando las prácticas de deportes de los forasteros.

Palabras-clave: vida cotidiana; deportes; resistencias; transgresiones; de afuera.

OUTSIDERS DO ESPORTE: RESISTÊNCIAS E TRANSGRESSÕES

Resumo

Diariamente crianças e jovens são submetidos a programas esportivos em diferentes contextos, como clubes, parques, projetos sociais e aulas de educação física escolar. As práticas esportivas fazem parte da vida cotidiana. A linguagem/cultura do cotidiano, como a linguagem da cultura esportiva, delimita a vida em sociedade, onde se apreendem esquemas tipificadores que modelam e determinam atitudes e os relacionamentos. O objetivo foi analisar, na perspectiva da sociologia da vida cotidiana, os processos de socialização do esporte, identificando as ações e atitudes de resistência e transgressões das crianças e adolescentes nas atividades esportivas. Utilizou-se o método da sociologia retrospectiva de Martins (2008), com a crítica das lembranças de aulas e treinos ministrados e também fotos de práticas esportivas como fontes, interpretando dados negligenciados dos comportamentos dos alunos. Os resultados demonstraram que os esportistas têm comportamentos de resistência e pequenas transgressões que revelam descontentamento com os métodos de ensino e práticas dos esportes e outros interesses. A pesquisa da vida cotidiana mostrou-se caminho para compreensão dos comportamentos desviantes no esporte, desvendando as relações e ordens sociais e identificando *outsiders* nas práticas esportivas.

Palavras-chaves: Vida Cotidiana; Esporte; resistências; transgressões; *Outsiders*.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

BRACHT, W. (1997). **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES.

BECKER, H.; (2008). *Outsiders: a cultura de um grupo desviante: o músico de casa noturna*. In **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. (1974). Os fundamentos do conhecimento da vida cotidiana. In **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes.

CERTEAU, M. (1994). Introdução Geral, Caminhadas pela Cidade. In **A invenção do cotidiano. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes.

GINZBURG, C. (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia da Letras.

HELLER, A. (2004). Estrutura da vida cotidiana. In **O Cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder.

JAVEAU, C. (2003). Regresso à sociologia da vida cotidiana. **Trajectos**, revista de comunicação, cultura e educação, n.3, p.89-95. Lisboa: ISCTE.

KORSAKAS, P; ROSE JUNIOR, D. (2002). Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófica pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, v. 1, n.1, p.83-93.

MARTINS, J. S. (2008). Odores, sons e cores: mediações culturais do cotidiano operário. In **A aparição do demônio na fábrica**. Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34.

PAIS, J. M. (2001). Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana. In **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez.

PERIM, F. M. e KRUG, N. H. (2003). **A Influência da Cultura Corporal sobre a Educação Física Escolar**, 1ª ed. Revista do Centro de Educação, Vol.28.

PICCOLO, V. N. (1993). **Educação Física Escolar: Ser... ou não Ter?** Campinas: Editora Unicamp.

ROSSETTO JUNIOR, A. *et al.* (2007). **Jogos educativos: estrutura e organização da prática**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2007.

TUBINO, M. J. G. (2010) **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte educacional**. Maringá: EUEM.

Rua: Aristhea Rosa do Amaral, 121 – São Paulo (SP) – Brasil - CEP 05541-080
Telefone: 55.11.99603.4903 email: adrianorossettojr@uol.com.br